

A Geografia e a globalização. Análise e reflexão a partir de um estudo de caso na Bahia (Brasil)

João Luís J. Fernandes

Departamento de Geografia e Turismo. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território
jfernandes@fl.uc.pt

A globalização e os seus efeitos contraditórios devem ser analisados à escala local, acompanhando as dinâmicas territoriais de regiões e lugares que são o resultado instável da síntese de diferentes escalas geográficas. Esta uma das linhas orientadoras da obra - NETO, S. C. (2014) - *Do isolamento regional à globalização: Contradições sobre o desenvolvimento do Extremo Sul da Bahia*. Salvador, Editora da Universidade Federal da Bahia, com a qual Sebastião Cerqueira Neto discute a trajetória do denominado Extremo Sul da Bahia, conjunto de municípios localizados na região meridional do Estado bahiano, no Brasil.

Com uma linguagem clara e uma metodologia rigorosa, Cerqueira Neto constrói uma leitura ampla sobre o modo como a globalização se vai territorializando nos espaços geográficos em análise. Daqui se destaca que são apressadas as interpretações mais simplistas desta fase de integração dos lugares num sistema global que poderia homogeneizar o mundo, libertando-o dos efeitos de atrito do espaço, contornando e diluindo fronteiras, criando uma realidade interrelacionada na qual as duas variáveis essenciais da Geografia, a distância e a localização, perderiam interesse. Na verdade, como se adianta no prefácio de Sylvio Bandeira de Mello e Silva, a localização ainda importa, os dados de uma geografia mais clássica permanecem relevantes e toda a realidade empírica contradiz as teses segundo as quais o mundo, no seu todo, se encolhe e torna mais uniforme.

Ainda que se reconheçam os fatores de associação e se identifiquem dinâmicas comuns, a globalização deve ser vista a partir de pontos geográficos específicos, na América do Sul e na Europa, em África ou na Ásia, num país mas também noutro, em contextos mais rurais ou outros mais urbanos, sempre procurando, em múltiplas escalas, familiaridades mas também comparando e procurando especificidades num mundo que persiste na ideia da diferença, da heterogeneidade, da fragmentação e da fronteira. Esta não é uma fronteira apenas política, mas uma demarcação que pode ser também social, económica e cultural, uma fronteira que separará espaços, territórios e atores com diferenças de poder económico e político.

Esta obra de Sebastião Cerqueira Neto evidencia o modo como a Geografia entende as contradições do mundo contemporâneo. Desde logo, pelo confronto entre as territorialidades múltiplas de diferentes atores, nem todos com igual capacidade de construir espaço e moldar novas cartografias. Neste ponto de vista, o Estado, nos seus diferentes patamares e

escalas de expressão geográfica; as empresas de diferentes setores; as comunidades locais, também estas muito diversificadas; os atores migrantes que partem e que chegam, todos estes agentes geográficos apresentam perceções espaciais e territorialidades muito específicas, nalguns casos mais abertas e flexíveis, noutros mais fechadas e lentas, por vezes com expressões territoriais mais continuas, noutras com organizações e estratégias geográficas mais reticuladas e estruturadas em rede. Todos estes atores, cada um à sua maneira, integram estes diferentes níveis espaciais. Daqui resultam geografias complexas e dinâmicas, novas arquiteturas territoriais e outras cartografias às quais, como refere o autor a respeito do Extremo Sul bahiano, nem sempre a organização administrativa se ajusta com a forma e o ritmo adequados.

Para Cerqueira Neto, a expressão local e regional da globalização depende dos níveis de coesão interna mas também das relações, das conectividades e dos modos de inserção exterior destes espaços geográficos. O livro reflete sobre todas estas temáticas, centrando-se no denominado Extremo Sul da Bahia e respetivas dinâmicas observadas até à primeira década do século XXI. Esta área de estudo engloba 21 municípios do setor meridional do Estado. Estruturada por três centros urbanos principais (Porto Seguro, Eunápolis e Teixeira de Freitas), apresenta uma superfície de 30648 km² e uma população, segundo contagem censitária de 2000, próxima dos 665 mil habitantes.

Esta é uma região com relevante centralidade simbólica na História da colonização do Brasil. Aqui terão chegado os primeiros navegadores portugueses, quando viajaram para o território da América do Sul no início do século XVI. Este terá sido também o primeiro canal de inserção do território num sistema mais alargado de trocas, sobretudo pela extração e envio de madeiras exóticas para a Europa.

Segundo Sebastião Cerqueira Neto, a trajetória do Extremo Sul bahiano está condicionada pelo afastamento geográfico em relação a Salvador, antiga capital do Brasil e centro polarizador dos principais investimentos públicos realizados pelo Estado ao longo do tempo. Contudo, o periferismo dessa região meridional foi acentuado pela sua não inclusão na economia e nas dinâmicas do ciclo do cacau, que se polarizou mais a norte, no eixo Itabuna-Ilhéus.

Este facto não implicou o isolamento de uma região que passou também pelo ciclo do açúcar, pelo menos até os holandeses deslocarem a produção para o Caribe que, pela localização geográfica e pelos

transportes, estava mais próximo da Europa. É no âmbito destas dinâmicas que, já no início do século XX, a partir dos vizinhos Estados de Mina Gerais e Espírito Santo, se foi estendendo a exploração da madeira para o Extremo Sul da Bahia. Mais uma vez numa lógica extrativista, empresas de capitais externos, nacionais e/ou internacionais, avançaram para o território, modificando a paisagem, reduzindo a mancha de Mata Atlântica e reorganizando a arquitetura espacial, com uma produção que teve o seu apogeu já na década de (19)70.

Na segunda metade do século XX, a região abre-se a outra atividade: a criação de gado, sobretudo bovino, que ocupa solos antes desflorestados pelas empresas madeireiras. Contudo, sem que um ciclo termine para abrir espaço a outro mas, pelo contrário, numa complexa lógica de sobreposição, mais recentemente chegaram as empresas de cultivo e extração de eucaliptos. Em todos estes processos, a extensão de Mata Atlântica vai encolhendo, num mosaico paisagístico que inclui outros setores económicos, como a fruticultura, com destaque para o mamão trazido pela imigração japonesa.

Para o autor desta obra, as trajetórias territoriais do Extremo Sul bahiano encontraram uma muito frágil base de pequenos e médios agricultores. Estes não inovaram, não se terão organizado, também não foram alvo de políticas de discriminação positiva em áreas tão estratégicas como o acesso ao crédito bancário, sempre dificultado por barreiras de diferente natureza. Muito pelo contrário, estes ciclos terão sido sustentados por uma cultura latifundiária que ainda persistirá e por uma também débil malha administrativa pública, sobretudo à escala local.

Sem cair em juízos de valor, este livro de Cerqueira Neto discute a construção de novas geografias e novos lugares, uma outra cartografia que se desenha à medida que a paisagem se vai simplificando por uma economia que acelera mas que vai deixando rastros negativos no espaço geográfico.

Um dos capítulos aprofunda o processo de eucaliptização do Extremo Sul da Bahia. Com o objetivo de tratamento da celulose e futura produção de pasta de papel, a difusão deste setor industrial ocorre nas últimas décadas do século XX. Pela forte pegada associada a esta atividade económica, o avanço do eucalipto modifica a paisagem e terá um efeito sistémico. Mais uma vez, as empresas que promovem este novo ciclo são externas à região e encontram um poder local frágil e vulnerável a influências, um poder local com escassa margem de regulação desse capital. A árvore avança e o número de fazendas diminui. É certo que o eucalipto terá ocupado solos já antes explorados pelos madeireiros e pela pecuária. No entanto, nalguns casos, esta aquisição de terras acelerou a decomposição de comunidades humanas e de núcleos agrícolas locais. Por isso diminuiu a colheita de produtos diversificados, do feijão à melancia, do melão ao tomate, produtos necessários à alimentação quotidiana e que são agora adquiridos fora da região.

Com o encerramento dessas unidades aumentou o desemprego e o consequente êxodo rural. Este último, já um processo longo, foi-se inscrevendo em núcleos urbanos que se vão modificando também porque as empresas constroem para alojar a sua mão de obra.

O eucalipto acelerou a economia local e trouxe investimentos. Numa primeira fase, a da construção das infraestruturas, atraiu trabalhadores não especializados. Na etapa seguinte, quando a laboração começou, vieram os ativos mais qualificados. No entanto, refere Cerqueira Neto, tal como ocorreu com outros investimentos no país, da edificação de cidades como Brasília e Palma, ao garimpo e à construção de barragens, o fim das obras não implica o retorno dos operários. Pelo contrário, terminam as tarefas mais pesadas mas a Geografia Humana já não é a mesma. Estas obras deixam um rasto de desemprego, pobreza e urbanização clandestina.

Por tudo isso, mas também pela origem externa do investimento, esta fase de eucaliptização foi acompanhada pelo aumento dos conflitos e das contestações.

Esse ambiente de protesto já não é tão evidente num outro setor que se vai implantando na região: a monocultura da cana-de-açúcar, explorada para a produção de etanol (álcool combustível). Ainda que implique uma dinâmica sistémica muito próxima da ocorrida com o eucalipto, neste caso a resistência local é menor. Essa escassa oposição, segundo o autor desta obra, deve-se a múltiplas razões. Desde logo, os investimentos provêm de elites locais bem identificadas, elites com forte poder económico e político, e não de difusas empresas externas à região. Por outro lado, o avanço desta monocultura estará a coberto de um discurso ecologista de aposta na redução do uso de combustíveis fósseis, com consequências ecológicas positivas. Na verdade, tudo isto é contraditório. A aposta na cana-de-açúcar reforça as tendências locais de simplificação da paisagem. Para além disso, alertam organismos como a FAO, o problema deve ser visto a uma outra escala, numa perspetiva mais ampla. A redução dos solos disponíveis para a produção alimentar terá efeitos diretos e indiretos no aumento dos preços de bens essenciais de consumo, como os cereais.

O livro de Sebastião Cerqueira Neto dedica um outro capítulo ao turismo e seus efeitos contraditórios na região. É também pela atividade turística que os lugares se abrem a outras escalas e promovem canais de contacto. Nesta atividade, e no caso do Extremo Sul bahiano, o autor destaca a Costa do Descobrimento e a cidade de Porto Seguro, um dos principais polos turísticos do Brasil. Como refere, 8 dos 21 municípios desta região têm localização litoral, facto que, em parte, explica o predomínio do turismo de sol e praia. Essa especialização temática traduz-se na concentração espacial e temporal de uma atividade turística marcada pela sazonalidade. Reconhecendo a existência de outras valências turísticas, como alguns geomonumentos e o património histórico, esta obra mostra-nos que a

aposta estratégica se tem acentuado sobretudo na linha de costa.

Ainda que mais salvaguardado de críticas que a eucaliptização, para Cerqueira Neto o turismo está muito desligado da região, será um setor fechado em si próprio, mais atento à qualidade de vida do turista que ao quotidiano das comunidades locais. Neste ponto de vista, também o turismo será responsável pelo aumento da fragmentação social e territorial. Também dependente de iniciativas externas, os investimentos turísticos têm provocado processos de gentrificação e privatização de solos, assim como agressões ambientais derivadas de construções de luxo e hotéis, com a invasão de mangues e a erosão de falésias. Apesar de também esta atividade ter acelerado a economia regional, alguma falta de controlo e ordenamento tem potenciado os efeitos mais perversos do turismo, facto particularmente visível em Porto Seguro.

É certo que setores como a exploração do eucalipto e o turismo animaram a economia local e regional. Os investimentos que daqui resultaram tiveram uma perspectiva setorial. Ainda assim, alguns terão beneficiado as comunidades locais e a atratividade demográfica do Extremo Sul da Bahia é agora maior. A construção de uma rodovia, a BR 101, trouxe alguma centralidade a esta região meridional bahiana, que se tornou uma plataforma de contacto entre o sudeste e o nordeste do país. Por outro lado, alterou-se a relação com os territórios vizinhos do Sul: os Estados de Minas Gerais e Espírito Santo. Tradicional origem de muitos dos investimentos externos aplicados no Extremo Sul da Bahia, em setores como a exploração da madeira e a pecuária, agora assiste-se a uma certa inversão. A dinâmica económica desta região bahiana estende-se agora ao espaço mineiro e capixaba.

Ainda assim, para este autor, as contradições de desenvolvimento identificadas para o conjunto do território brasileiro expressam-se da mesma forma a estas escalas local e regional. A BR 101 será o retrato desses desequilíbrios. Uma estrada que abriu um corredor de contacto é também um território linear de pobreza onde se acumulam comunidades de certo modo excluídas desta economia mais vibrante.

Na sua parte final, perante as dinâmicas territoriais, as relações de poder e as desigualdades espaciais e sociais que estas trajetórias implicaram, o livro de Sebastião Cerqueira Neto questiona-se sobre o possível ajustamento da Geografia administrativa a estas novas realidades. Trata-se de um debate mais alargado, que atravessará o território brasileiro, na atualidade com 26 Estados e um Distrito Federal. No que à Bahia e ao Extremo Sul bahiano diz respeito, Cerqueira Neto aponta as dificuldades que impedem uma visão estratégica unificada e a preponderância de uma acentuada visão localista.

Em termos culturais, e assumindo a cultura como um dos pilares de qualquer regionalização, o autor disserta sobre dois aspetos fundamentais. Por um lado, a generalização e homogeneização da imagem de todo o Estado, associando-o a uma cultura bahiana estereotipada que, na verdade, expressa sobretudo o sistema Salvador-Recôncavo. Por outro, e no que respeita ao Extremo Sul, Sebastião Cerqueira Neto afirma o seu hibridismo cultural, próprio de uma região de passagens, de entradas e saídas, uma região associada ao movimento, aos migrantes que chegam e partem mas também às mais permanentes culturas de tempo longo dos quilombos e das comunidades indígenas. Estas permanecem hoje confinadas, numa tendência de desintegração, mas preservadas também, na sua versão mais exótica, como património para um turista que, para além da praia, do sol e do mar, quer viver a sensação de ter atravessado uma fronteira histórica e cultural, de ter ido longe, a um tempo e a um espaço pré-modernos.

E assim nos fez esta obra viajar por lugares muito particulares, por uma Bahia já estudada por autores como Sylvio Bandeira de Mello e Silva, mas que é preciso ir acompanhando nas suas dinâmicas, afirmando ao mesmo tempo o valor instrumental da Geografia para a compreensão dos modos heterogêneos de viver a globalização e das diferentes formas de esta se territorializar. Para Milton Santos, citado neste trabalho, cada lugar é único e singular. Resta saber se é possível contornar os efeitos perversos do sistema global e se esse poder na procura de caminhos alternativos é o mesmo em diferentes lugares e para as mesmas comunidades sociais, culturais e políticas. Como afirmou Amartya Sen, desenvolvimento é liberdade. Não aquela que tolera toda e qualquer ação, mas a que se sente na maior ou menor abertura de opções, nas mais alargadas ou mais estreitas possibilidades de escolha. Uma globalização perversa será aquela que levantará novas fronteiras, aumentará a fragmentação espacial e estreitará as opções geográficas de cada comunidade, de cada indivíduo ou ator. Neste ponto de vista, a obra que aqui se acompanhou é um oportuno estímulo de reflexão, uma análise que se deve estender, numa metodologia comparativa essencial, para outras escalas e outras regiões do mundo. Como também já o afirmou Olivier Dollfus, a globalização não é a mesma quando vista, sentida e percebida em diferentes escalas e lugares.

Sebastião Cerqueira Neto é geógrafo, doutorado em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (em 2009), com pós-doutoramento em Antropologia (na Universidade Federal da Bahia) e pós-doutoramento no Centro de Estudos Sociais (Universidade de Coimbra). É professor e pesquisador do Instituto Federal da Bahia. Para além de pertencer a vários outros agrupamentos de investigação, lidera o Grupo de Pesquisa Desenvolvimento Regional (CNPq/IFBA).